
O grupo de discussão: Contributos para uma prática de investigação qualitativa

Maria Cecília Pereira dos Santos¹

The focus groups: an approach to a qualitative researching

Abstract

In this communication we are going to reflect about the qualitative researching methods, specially about the focus groups. Meanwhile, we are going to report an experience using the focus groups formed by the young people of the portuguese high school.

A procura de uma metodologia adequada à realização de trabalhos científicos em diferentes áreas de conhecimento e, em especial, na área da sociologia da educação, proporciona, quase sempre, incentivos para novas (re) leituras que podem, por sua vez, privilegiar algumas perspectivas de investigação, susceptíveis de serem convocadas para uma maior compreensão das relações entre os actores sociais.

Assim, nesta comunicação iremos acentuar o nosso interesse por alguns enfoques teóricos e metodológicos que dizem respeito, por exemplo, ao *grupo de discussão* a que determinados autores têm recorrido em pesquisas de cariz qualitativo. Iremos aludir, ainda que incipientemente, à nossa própria experiência de investigação em curso na qual utilizamos o *grupo de discussão* como um instrumento ao serviço de um estudo qualitativo sobre jovens alunos da escola secundária portuguesa.

1. A relevância da pesquisa qualitativa para a compreensão das vivências dos actores sociais. Breve caracterização teórica

Em trabalhos recentes (Callejo, 2001; Fabra & Domènech, 2001; Gaskel, 2002; Bauer, Gaskel & Allum, 2002) continuam a ser enfatizados o interesse e a relevância de que se reveste a utilização de uma metodologia qualitativa, ao mesmo tempo, que se realça a conveniência que pode ter para os estudos, no âmbito das ciências sociais, a utilização de alguns recursos grupais.

Deste modo, se para George Gaskel a metodologia de pesquisa qualitativa responde com clareza quando ao investigador interessa «mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes» fornecendo-lhe uma «'descrição detalhada' de um meio social específico» (Gaskel, 2002, p. 65), por seu lado, Javier Callejo acrescenta a estas dimensões o facto de ser necessário considerar qualquer investigação social como «uma prática e não [como] uma acumulação de técnicas» (Callejo, 2001, p. 10)².

Na esteira deste dois autores mencionados, acrescente-se, por exemplo, uma outra perspectiva que acaba por evidenciar, também, a importância da metodologia qualitativa na investigação social, pois que «em contraste com os métodos quantitativos, [...] os métodos qualitativos [...] permitem atender aos significados intersubjectivos, situados social e

¹ Doutoranda em Sociologia da Educação - Departamento de Sociologia da Educação e Administração Educacional - Universidade do Minho / IEP (e-mail: cecilia_santos@netcabo. Pt)

² George Gaskel ao aludir ao «meio social específico» compara-o com «a descrição feita por Habermas (1992) da esfera pública ideal. É um debate aberto e acessível a todos: os assuntos em questão são de interesse comum (...). O debate é uma troca de pontos de vista, ideias e experiências» (George Gaskel, 2002, p. 79).

historicamente que se desenvolvem na interacção humana [...]» (Fabra & Domènech, 2001, p. 27).

1.1. O grupo de discussão – um instrumento de pesquisa social

Nos últimos anos, no âmbito da metodologia qualitativa, o *grupo de discussão* como instrumento ao serviço da pesquisa social tem vindo a ser actualizado e, ao mesmo tempo, valorizado como «uma ferramenta para o estudo compreensivo dos processos psicossociais» (Fabra & Domènech, 2001, p. 33), relembrando as práticas de investigação, de R. K. Merton e dos seus colaboradores, entre outros, que, em meados do século XX, recorreram a este instrumento de pesquisa social para a realização dos seus trabalhos.

Acrescente-se, ainda, que o interesse renovado por este recurso parece ter encontrado fundamentos em alguns autores estimulados por materiais críticos produzidos não só no âmbito da escola estruturalista, mas também no que respeita às abordagens levadas a efeito pela psicanálise, ou pela via investigativa seguida pela Escola de Frankfurt (cf. Callejo, 2001, p. 11).

A este propósito, Maria Lluïsa Fabra e Miquel Domènech chegam, num dos seus estudos, à caracterização do *grupo de discussão*, referindo que,

«O grupo de discussão é constituído por um conjunto reduzido de pessoas, reunidas com o propósito de interagir numa conversaçãõ acerca de temas objecto de investigaçãõ, durante um período de tempo que pode oscilar entre uma hora e hora e meia. É precisamente essa interacçãõ o que constitui o facto distintivo do grupo de discussãõ e o que proporciona o seu interesse e potencialidade» (Fabra & Domènech., 2001, pp. 33-34).

Embora se possa reconhecer ao *grupo de discussão*, – comparativamente com outras técnicas de investigaçãõ normalmente utilizadas (inquérito, entrevistas) e das quais sempre houve um conhecimento conceptual minimamente fundamentado – algumas insuficiências para responder às possíveis interrogações sobre o como e o porquê desta prática de investigaçãõ, o facto é que para atenuar estas eventuais dificuldades, o *grupo de discussão*, como instrumento de investigaçãõ social, tem vindo a sofrer consideráveis avanços e a ser utilizado em diferentes áreas do trabalho académico.

No entanto, como sublinha um autor, o *grupo de discussão* parece adaptar-se «melhor ao estudo de fenómenos sociais que são falados quotidianamente, que aparecem nas práticas discursivas habituais dos sujeitos, inclusive quando se encontram com desconhecidos [...]» (Callejo, 2001, p. 31).

Em Espanha, por exemplo, torna-se mais visível como prática de investigaçãõ, nomeadamente, a partir dos finais dos anos setenta, quando começa a fascinar os estudantes de sociologia que recorrem ao *grupo de discussão* para a produçãõ dos seus trabalhos académicos, pois reconhecem que uma «[...] situaçãõ de grupo seja ela real ou imaginária, facilita o intercâmbio de posições dos indivíduos. [Por outras palavras] no grupo, os indivíduos estão no centro da lógica do intercâmbio» (p. 37).

Neste país, o crescente interesse por esta prática (que se cruza com uma sociologia crítica) parece tornar-se evidente num trabalho produzido em 1979, *Más Allá de la Sociología*, referenciado por Javier Callejo, onde J. Ibáñez defende que

«[...] o grupo de discussãõ é um resultado, que se alcança não só teoricamente mas também vivencialmente através da sua prática, e uma proposta, que se projecta numa sociologia crítica» (Callejo, 2001, p. 40).

Assim, enquadrado nas técnicas qualitativas de investigaçãõ, o *grupo de discussão* privilegia a perspectiva dos actores e as relações sociais. Deste ponto de vista, Maria Lluïsa

Fabra & Miquel Domènech encontram nesta técnica um caminho para os estudos que, preferencialmente, se interessam pela análise dos espaços escolares e que querem privilegiar alguns actores como, por exemplo, os professores, mas, em especial, os alunos. Como acabam por sublinhar, o *grupo de discussão* pode ser entendido como uma forma de

«[...] dar poder aos alunos, [...] fomentar neles um juízo independente, a habilidade de tomar decisões, e, sobretudo, a capacidade de expressar-se; de comunicar, não só o que foi aprendido, mas também o reflectido, o descoberto, o pensado e o repensado» (Fabra & Domènech., 2001, p. 19).

Tendo em conta estas singularidades – a expressão, a comunicação e a reflexão – atribuídas ao *grupo de discussão*, algumas referências teóricas (da fenomenologia à sociolinguística passando pelo modelo dialógico) sublinham a sua pertinência para o estudo dos fenómenos sociais, ao caracterizá-lo, por exemplo, como «um estar de vários indivíduos cara a cara» (Callejo, 2001, p. 66)³.

Um *estar* que exige tempos, espaços, onde existem estímulos, um moderador, um processo de reagrupação em que os participantes são recrutados obedecendo a instruções mínimas e desconhecidos, preferencialmente, uns dos outros, pois que é fundamental que o objecto da investigação se vá construindo em interacção (cf. Callejo, p. 95).

O processo de construção prática e efectiva do *grupo de discussão* implica saber quantas reuniões serão necessárias efectuar, o número de participantes, as suas características em cada reunião (homogeneidade ou heterogeneidade social), sabendo que, como alerta este investigador, a homogeneidade excessiva pode condicionar e até favorecer rápidas conclusões e consensos que podem não interessar à investigação (cf. Callejo, p. 85).

À dimensão da construção associa-se uma questão primordial que se coloca, naturalmente, a qualquer investigador seja qual for o tipo de metodologia que utilize, mas que se evidencia com mais acuidade no caso de trabalhos onde a metodologia qualitativa sobressai. Diz esta questão respeito à validade e à fiabilidade das técnicas a que se recorre e que se relacionam com o critério de saturação.

Relativamente ao critério de saturação A. Mucchielli considera poder este estar satisfeito «quando as técnicas de recolha e análise de dados utilizados, sobre o problema considerado, não trazem nenhum elemento novo para a investigação» (Mucchielli, 1991, p. 19).

Mas, o conceito de saturação aparece conectado ainda com outra questão essencial com a qual se confrontam os investigadores sempre que pretendem recorrer ao *grupo de discussão*, por outras palavras, o conceito de representatividade também ele relacionado, de perto, com um outro conceito denominado «intercambiabilidade»⁴.

Por seu lado, Javier Callejo entende ser este último conceito susceptível de ser explicado por aproximação à conhecida linha de análise teorizada por Pierre Bourdieu para chegar à definição de *habitus*. Assim, para o investigador espanhol,

«[...]o *habitus* se gera na própria existência. A existência comum é a base da intercambiabilidade entre os sujeitos, o que permite ao *habitus* constituir-se no

³ Acepção esta que poderá aproximar-se da perspectiva defendida por Erving Goffman na sua obra *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, em finais dos anos cinquenta, quando sublinha que um grupo ao constituir-se em equipa reforça-se, ao mesmo tempo, como grupo formando uma «sociedade secreta». Assim uma equipa, para este sociólogo americano, apresenta-se como «um conjunto de indivíduos cuja estreita cooperação é exigida para a salvaguarda de uma dada definição projectada da situação» (Goffman, 1993 [1959], p.127).

⁴ Aliás, a questão da representatividade também se coloca relativamente ao inquérito por questionário. Uma técnica de investigação que, por sua vez, implica representatividade tanto no que concerne à amostra como no que respeita aos dados recolhidos.

equivalente geral de subjectividades, em objectivador de subjectividades» (Callejo, 2001, p. 111)⁵.

Deste modo, a comprovação da representatividade de um *grupo de discussão* vem pela via do que é dito e da saturação do que é dito, constituindo a saturação a «fonte interna de representatividade do *grupo de discussão*» (p. 114).

Em síntese, alguns autores (Callejo, 2001; Fabra & Domènech, 2001) a que temos vindo a fazer referência parecem deixar manifesta, nos seus trabalhos, uma preocupação pedagógica quando, por exemplo, explicitando algumas áreas, mais ou menos questionáveis desta prática metodológica – o *grupo de discussão* –, procuram clarificá-las à luz de pressupostos teóricos próximos da sociologia crítica. Por outro lado, também vão abrindo caminhos para a recuperação e para a utilização deste instrumento de investigação qualitativa, sem, no entanto, levantar algumas questões que, do nosso ponto de vista, poderão conduzir ao debate e à reflexão de todos os investigadores que pretendem(rão) utilizar o *grupo de discussão* como instrumento ao serviço da investigação social.

2. O grupo de discussão – uma experiência em curso com grupos de jovens alunos do ensino secundário

Quando nos propusemos levar por diante o projecto de investigação em curso, no âmbito de um doutoramento em Sociologia da Educação, e definimos o nosso principal objecto de estudo – os jovens alunos do ensino secundário – questionámo-nos sobre a metodologia e as técnicas de pesquisa a que poderíamos recorrer para concretizar o nosso trabalho empírico.

Optámos, então, por uma metodologia onde os métodos de investigação qualitativa fossem privilegiados. Atendendo ao público-alvo com que iríamos trabalhar e depois de termos concluído que, recentemente, a investigação em ciências sociais (em particular, os estudos no âmbito da sociologia da educação) tem vindo a privilegiar e a valorizar instrumentos de pesquisa com características grupais, sobretudo, no que toca a trabalhos com e sobre jovens alunos, fizemos a selecção de alguns autores sobre os quais nos debruçámos e, de entre os quais, destacamos Dubet, 1991; Fabra & Domènech, 2001; Callejo, 2001; Gaskell, 2002; Bauer, Gaskell & Allum, 2002; Abrantes, 2003.

Nestas obras, os seus autores privilegiam a perspectiva de investigação baseada quer no *grupo de discussão*, quer em grupos diferenciados constituídos com o objectivo de conhecer e compreender melhor as experiências escolares de grupos de jovens alunos. Deste modo, a partir do conhecimento de trabalhos de investigação desenvolvidos no nosso país e em outros países europeus neste âmbito preciso, encontramos pontes e intersecções com o trabalho que, nós próprios, queríamos desenvolver.

Deste forma, decidimos avançar para a experiência do trabalho empírico aplicando alguns conhecimentos teóricos acerca do *grupo de discussão* de que agora pretendemos dar o nosso testemunho, ainda que de uma maneira breve e provisória, sobretudo porque o nosso trabalho ainda não foi finalizado, embora saibamos, também, que o caminho percorrido até aqui tem correspondido, até certo ponto, a algumas das nossas expectativas iniciais.

Assim, seguindo de perto alguns dos autores *supra* nomeados, reparámos que em França, no início da década de noventa, o sociólogo François Dubet e os seus colaboradores, num estudo sobre os liceus franceses, deram a conhecer a intervenção sociológica, que tinham levado a efeito com grupos representativos de alunos deste nível de ensino, desvendando que as reuniões realizadas com grupos de alunos permitiram concluir que os encontros entre os investigadores e os jovens acabaram por ter uma dupla e importante função, isto é, «por um lado, [as reuniões] inscrevem os actores numa relação social e os discursos são produzidos ‘em situação’; por outro, elas criam uma distância crítica, porque os actores sentem o afastamento que existe entre as suas representações e as relações onde se inscrevem» (Dubet, 1991, p. 390).

⁵ Tradução brasileira.

Da mesma forma, fazendo nossas as palavras de dois investigadores, Maria Lluisa Fabra & Miquel Domènech queremos realçar que o interesse e a força do *grupo de discussão* parece residir no facto de proporcionar interacção entre os participantes e de permitir aprofundar os temas propostos para a discussão através de uma acção comunicativa dialógica natural que outras formas de entrevista não conseguem proporcionar de maneira tão cabal, visto que

«[...]a discussão não tem como objectivo a chegada a um consenso entre os participantes, mas que possibilita recolher um amplo leque de opiniões e de pontos de vista que podem ser tratados extensivamente, [pois que] a situação de grupo produz a deslocação do controlo da interacção que vai desde o investigador até aos participantes» (Fabra & Domènech, 2001, pp. 33-34).

Também, neste sentido, alguns investigadores ingleses aludindo ao interesse que a pesquisa social atribui à recolha de dados de forma espontânea referem que,

«Na pesquisa social estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre as suas acções e as dos outros. Dados informais são gerados menos conforme as regras da competência, tais como a capacidade de escrever um texto, pintar ou compor uma música, e mais do impulso do momento, ou sob a influência do pesquisador» (Bauer, Gaskell & Allum, 2002, p. 21).

Em consonância com estas dimensões referidas, o nosso trabalho que, como dizíamos, está a ser levado a efeito com grupos de jovens alunos do ensino secundário tem permitido estabelecer uma relação social equilibrada entre o investigador e os participantes e os participantes entre si, ao mesmo tempo que se procura facilitar e aprofundar a expressão espontânea dos saberes de cada um acerca de si próprio, do contexto escolar e dos outros.

Por outro lado, a disponibilidade revelada por estes alunos para este tipo de trabalho empírico tem-se revelado, para nós, extremamente aliciante e motivador, o que nos leva a arriscar uma conclusão, ainda que provisória, que tem a ver com o facto de existirem grupos de alunos da escola secundária portuguesa manifestamente interessados em aproveitar os tempos e os espaços disponibilizados pela pesquisa sociológica para a reflexão sobre o que parece ser ou é mais relevante para eles – os seus quotidianos escolares e juvenis – deixando, em simultâneo, escapar tomadas de posição críticas, espontâneas, informais sobre o mundo escolar onde passam a maior parte dos seus tempos.

Deste modo, a distância crítica que cada um dos jovens alunos desenvolve relativamente a si próprio permite não só dar o testemunho da sua vida pessoal com alguma autenticidade como permite, sobretudo, que cada um se explique, se justifique, conte como constrói as suas práticas e as suas experiências escolares e sociais fugindo e driblando lógicas institucionais e práticas pedagógicas arbitrárias.

Em síntese, do nosso ponto de vista, o trabalho empírico suportado pelo *grupo de discussão* parece responder a algumas das finalidades da sociologia da experiência, na linha de trabalhos desenvolvidos por alguns sociólogos franceses, nomeadamente na última década, que nos convidam a «considerar cada indivíduo como um 'intelectual', como um actor capaz de dominar conscientemente, numa certa medida, a sua relação com o mundo» (Dubet, 1994, p.105).

Referências

ABRANTES, Pedro (2003) *Os Sentidos da Escola. Identidades Juvenis e Dinâmicas de Escolaridade*. Oeiras: Celta.

- BAUER, Martin W.; GASKELL, Georges & ALLUM, Nicholas C. (2002) «Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões», in Martin W. Bauer & Georges Gaskell *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, pp. 17-36.
- CALLEJO, Javier (2001) *El Grupo de Discusión: Introducción a una Práctica de Investigación*. Barcelona: Ariel.
- DUBET, François (1991) *Les Lycéens*. Paris: Seuil.
- DUBET, François (1994) *Sociologie de l'Expérience*. Paris : Seuil.
- FABRA, Maria Lluisa & DOMÈNECH, Miquel (2001) *Hablar y Escuchar*. Barcelona: Paidós.
- GASKELL, George (2002) «Entrevistas individuais e grupais», in Martin W. Bauer & Georges Gaskell *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som*. Petrópolis: Vozes, pp. 64-89.
- GOFFMAN, Erving (1993) [1959] *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. S^{ta}. M^a da Feira: Relógio de Água.
- MUCHIELLI, A (1991) *Les Méthodes Qualitatives*. Paris: P.U.F..
- SANTOS, M^a Cecília (2003) «Nota de leitura». *Revista Portuguesa de Educação*, vol. 16, n^o 1, pp. 253-260.